



## DEBATES SOBRE GÊNERO E CIÊNCIA NAS EXATAS, ENGENHARIAS E COMPUTAÇÃO: PROBLEMATIZANDO ALGUMAS NARRATIVAS

CASEIRA, Fabiani Figueiredo<sup>1</sup>  
MAGALHÃES, Joanalira Corpes<sup>2</sup>

### Resumo:

O objetivo deste trabalho é investigar as narrativas de algumas/alguns coordenadoras/es contempladas/os pela chamada “Meninas e Jovens nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação – 18/2013” a fim de analisar suas percepções sobre as discussões sobre representatividade de gênero na ciência. Esse trabalho se fundamenta a partir dos estudos feministas e de gênero, pós-estruturalistas. Para produção dos dados realizamos entrevistas, com sete coordenadoras/es. Para análise utilizamos inspirações na análise do discurso sob o viés Foucaultiano. Com esse estudo não buscamos respostas de como a representatividade pode contribuir para meninas a ingressarem nas áreas de ciências exatas, engenharias e computação, mas sim nos propomos a discutir de que maneira a representatividade vem sendo narrada, produzida e enunciada nas narrativas aqui analisadas. Através das narrativas notamos muito evidente a discussão que precisamos de representatividade de gênero, bem como seus marcadores na/para a ciência.

**Palavras-chave:** Equidade de Gênero. Ciência. Gênero. Representatividade.

### Introdução

Neste trabalho temos como proposta investigar nas narrativas de algumas/alguns coordenadoras/es das Instituições de Nível Superior contemplados pela chamada 18/2013 Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação os discursos sobre representatividade na ciência e as discussões sobre mulheres cientistas.

Com esse intento, no primeiro momento desta escrita, apresentaremos alguns entendimentos teóricos do campo dos Estudos de Gênero e feministas, em suas vertentes pós-estruturalistas, a fim de nos subsidiarem teoricamente a pensar de que forma a discussão sobre representatividade na ciência se tornou possível e visível nos dias atuais. Com isso, não estamos buscando uma causa para o surgimento dessas discussões, mas sim algumas pistas da sua emergência, bem como algumas rupturas com relação a participação das mulheres na ciência ao longo dos anos. Tal pesquisa é um recorte da tese de doutorado, que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, Brasil, contato: caseiraff@gmail.com, pesquisa realizada com o auxílio financeiro da Coordenação de Apoio de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Professora e Pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande - RS, Brasil, contato: joanaliramagalhaes@gmail.com



em Ciências: química da vida e saúde – PPGECC, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Posteriormente explicitaremos algumas ferramentas teóricas-metodológicas da análise do discurso de Foucault. Por fim, teceremos algumas análises. Para finalizar apresentaremos algumas considerações, que nosso olhar, para esse campo de estudo, possibilitou-nos tecer.

### **Representatividade de gênero na ciência**

Com o intuito de analisar discursos sobre representatividade na contemporaneidade, antes, é necessário refletir sobre alguns caminhos que percorremos e transitamos bem como “precisamos percorrer, transitar e questionar a fim de participar de maneira igualitária das mesmas posições e cargos no que tange a produção do conhecimento com relação aos homens” (CASEIRA, MAGALHÃES, 2016, p.6). Afinal, durante muito tempo as mulheres foram invisibilizadas ao longo da história da ciência (SCHIEBINGER, 2001).

Quando a Europa começou a se transformar em uma sociedade de propriedades, em uma ordem “democrática”, as características sexuais passaram a assumir novos significados para a “determinação de quem iria e de quem não iria fazer ciência” (SCHIEBINGER, 2001, p.54). Nesse momento torna-se ainda mais evidente o discurso de que mulheres não poderiam ser boas cientistas. No caso, à mulher caberia o espaço privado da casa, o cuidado com os/as filhos/as e idosos/as da família, enquanto os homens assumiram as atividades do âmbito público.

Para mostrar que as mulheres tinham capacidade de produzir ciência, algumas/alguns enciclopedistas, entre os séculos XIV e XIX, queriam desenvolver o formato enciclopédia, em que fossem contadas histórias de mulheres cientistas. A proposta era “encontrar mulheres que haviam de fato criado ciência para se opor à noção de que as mulheres simplesmente não podem fazer ciência, que algo na constituição de seus cérebros ou corpos impede progresso neste campo” (SCHIEBINGER, 2001, p.54), com o propósito de que, dessa forma, fosse possível “criar modelos de papéis para mulheres jovens ingressarem na ciência – ‘Einsteins femininos’ - para contrabalançar estereótipos masculinos” (Ibidem).

No entanto, no final do século XIX, quando Charles Robert Darwin interveio com a sua noção de gênero na ciência, caiu um pouco esse formato enciclopédia para abordagem sobre a participação de mulheres na ciência. Ele argumentava que mesmo que enchessem páginas de produções femininas, elas nunca iriam se comparar ao número das produções masculinas (SCHIEBINGER, 2001). Além disso, algumas antifeministas ainda destacavam que as mulheres apresentadas nas enciclopédias



nunca iriam se comparar aos cientistas homens de grande nome como Pitágoras, Arquimedes, Newton ou Leibniz (SCHIEBINGER, 2001). Durante esse período o formato enciclopédia deixou, um pouco, de ser consultado.

Contudo, posteriormente, essa herança das enciclopédias, foi ampliada e aprofundada por historiadoras/es, com obras que chamam a atenção das atividades científicas realizadas por mulheres em um período que a ciência não era vista como uma atividade remunerada e assalariada. Aliás, nesse período a ciência também ainda não era vista como uma profissão de tempo integral. “Galileu, era astrônomo residente em cortes principescas; Bacon e Leibniz eram ministros de governo [...] no fim de sua vida Descartes estava a soldado da Rainha Cristina da Suécia como tutor em filosofia natural e matemática” (SCHIEBINGER, 2001, p.59). Essa organização menos rígida da ciência, de certa forma deixava brechas para as mulheres participarem em certa medida da produção do conhecimento científico.

Com a fundação das universidades no século XII até o final do século XIX e, em alguns casos, até o início do século XX, as mulheres eram proibidas de participarem das universidades, exceto em algumas universidades na Itália. Com a ascensão das faculdades e o declínio das universidades as mulheres elas foram oficialmente proibidas de adentrarem esse novo espaço de produção do conhecimento científico (SCHIEBINGER, 2001).

No Brasil, a situação das mulheres cientistas também não era algo muito diferente. Aqui, a educação das mulheres teve início nos séculos XVI e XVII, nos conventos, lugares nos quais aprendiam a ler, escrever e a realizar os cuidados domésticos pelo período de três anos (MACIEL; CHIGUNOV, 2006). Como a educação era realizada por freiras, a leitura era realizada por meio de atos sacros. Somente no século XVIII, foram criadas as primeiras escolas públicas, as quais eram separadas por gênero, ou seja, meninas estudavam em uma escola, e meninos frequentavam outra escola (Ibidem). Apenas em 1879, por meio da reforma Leôncio de Carvalho, decreto número 7.247, as mulheres foram liberadas para cursar o Ensino Superior no Brasil para, assim, poderem obter um título acadêmico e, posteriormente, seguirem a carreira de cientistas

Hoje, no século XXI, as mulheres representam maioria nas universidades, no entanto, isso acontece apenas em algumas áreas do conhecimento. Elas, em geral, concentram-se “em áreas tradicionalmente femininas, em profissões de menor status social, reconhecimento e remuneração” (SILVA, RIBEIRO, 2010, p.66). Percebemos também uma segregação por raça-etnia, visto que a maioria das mulheres são brancas, sendo, portanto, a parcela das mulheres negras, na universidade, ainda muito pequena. De acordo com Betina Lima, Maria Braga e Isabel Tavares (2015, p.28) “a



participação feminina não é a mesma segundo raça e cor, sendo que a participação de mulheres branca é (59%), muito maior que as mulheres negras (26,8%)”. No Brasil, quando olhamos para o percentual de mulheres negras ou pardas que concluíram o doutorado e que são professoras de programa de pós-graduação, o número é ainda menor, representando apenas 3% (Ibidem).

A “baixa representatividade de mulheres negras na atividade científica denuncia a confluência do racismo e sexismo” (VARGAS, 2018, p. 13), presentes na Universidade e na sociedade como um todo. À medida em que as mulheres negras vão ascendendo na carreira científica, seus percentuais também vão diminuindo. Nesse sentido, é preciso considerar quando olhamos para a participação das mulheres na Ciência e Tecnologia, devemos levar em consideração esses marcadores de raça-etnia, entre outros, buscando entender que “há problemas comuns às mulheres (imagens do cientista enquanto homem), mas obstáculos específicos as mulheres negras (imagens dos cientistas enquanto homens e brancos)” (LIMA; BRAGA; TAVARES, 2015, p.28). Ademais, ainda existem mais obstáculos para as mulheres cientistas trans adentrarem na carreira de cientistas.

Dessa forma, é necessário levar em consideração outros marcadores sociais, de modo a serem consideradas as identidades de gênero, indo contra as teorias globalizantes sobre identidades de gênero (CRENSHAW, 1989). Conforme Bilge (2009, p. 70), “O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais”.

Nesse sentido, percebemos a “potência de refletirmos acerca da representatividade, no entanto, é importante e necessário sempre problematizar que representatividade é essa apresentada” (CASEIRA; MAGALHÃES, 2020, p.271). Nesta pesquisa, entendemos que essa representatividade ou representação pode servir como um termo polêmico. Afinal, por um lado, “serve como um termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres, como sujeitos políticos” (BUTLER, 2015, p.18). Por outro lado, “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria mulheres” (Ibidem).

No movimento feminista, uma linguagem capaz de representar as mulheres foi muito importante, pois significou a promoção de visibilidade política para elas (BUTLER, 2015), levando em consideração que as mulheres foram, durante muito tempo, invisibilizadas da história da ciência. Logo, fica clara a importância de problematizarmos os conceitos de representatividade presentes nas narrativas das/o entrevistadas/o. Com isso, próximo tópico, apresentaremos algumas ferramentas teóricas metodológicas que nos auxiliaram na produção e na análise dos dados do estudo.



## **Entre conceitos, entendimentos teórico-metodológicos: algumas pistas acerca da nossas das ferramentas para produção e análise dos dados**

Para a produção dos dados nos ancoramos teórico-metodologicamente na investigação narrativa a partir das contribuições teóricas de Jorge Larrosa, Michael Connely e Jean Clandinin. Através da perspectiva teórica desses autores, entendemos as narrativas das/o entrevistadas/o como formações discursivas sobre as quais as/o entrevistadas/o vão/vai produzindo sentido às experiências vivenciadas, isso entremeado ao contexto social, político e cultural em que ocorrem suas vivências (LARROSA, 2002).

Na concepção de Larrosa et al (1995), a investigação narrativa pode ser empregada para produção dos dados e como metodologia de investigação. Nessa investigação, será utilizada enquanto metodologia de produção de dados. Para esse autor, o uso desse tipo de metodologia se justifica pelo fato de que somos sujeitas/sujeitos contadoras/es de histórias, os quais, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. Por sua vez, os estudos dessas histórias ou narrativas, bem como a forma como experienciamos o mundo, possibilitam-nos questionar algumas verdades socioculturalmente produzidas.

Para Michael Connely e Jean Clandinin, existem múltiplas formas para a produção dos dados através da investigação narrativa, tais como: narrativas de professoras/es, escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de campo, cartas, conversa, entrevista, histórias de famílias, documentos, fotografias, caixas de memória (CLANDININ, CONNELLY, 2015). Para essa investigação optamos pela utilização das entrevistas semi-estruturadas.

No entanto, antes da realização das entrevistas empreendemos três movimentos, os quais relataremos brevemente nesse trabalho. No primeiro movimento investigamos quem foram as/os coordenadoras/es que haviam sido selecionadas/os, através do site do CNPq. Posteriormente com o nome dos/as coordenadores/as, realizamos o levantamento de seus currículos na Plataforma Lattes e verificamos se no currículo constava o projeto com o financiamento da chamada, com a finalidade de obter o nome do projeto para rastrear na internet, através da plataforma de busca Google, quais projetos possuíam página on-line. Nesta busca retomamos um total de 14 projetos. Por fim, entramos em contato, por meio da plataforma lattes com essas/esses catorze coordenadoras/es, para realizar uma entrevista semiestruturada. Das/os catorze coordenadoras/es que entramos em contato, sete



aceitaram realizar a entrevista semiestruturada. Dessas pessoas: seis eram mulheres e apenas um homem.

Após o aceite, das/o entrevistadas/o agendamos uma data para a realização das entrevistas. Como foi uma entrevista semi-estruturada, estabelecemos inicialmente algumas perguntas que conduziram essa discussão, que foram as seguintes: Como conheceram a chamada?; quais foram as motivações para inscreverem um projeto?; como eles/as têm percebido as relações de gênero e ciência em suas áreas de atuação?; quais potencialidades e desafios no desenvolvimento das ações?; e se houve continuidade do projeto após o financiamento, quais os motivos que os levaram a continuidade ou não das ações?

Tais questionamentos serviram como base, para impulsionar o narrar, das/o entrevistadas/o, nesse sentido, não focamos nessas perguntas, mas sim o que emergiu nas narrativas, que percebemos estreita ligação com as discussões de gênero e ciência na contemporaneidade. Nesse artigo, focamos nas discussões sobre gênero, ciência e representatividade de mulheres cientistas. Optamos por essa discussão por estar presentes na narrativa das falas das/o coordenadoras/o, e perceber o quanto as narrativas sobre essas discussões (re)produzem determinados discursos presentes na nossa sociedade com relação as mulheres na ciência. Nesse processo vislumbramos a formação de um enunciado “É preciso representatividade de mulheres cientistas”. Esse enunciado nos possibilitou tecer entendimentos sobre as discussões de gênero no campo da ciência na contemporaneidade.

Dessa forma, para análise, das narrativas, buscamos inspiração metodológica em algumas ferramentas da análise do discurso pelo viés Foucaultiano. Não, na intenção de buscar um método, mas sim de um óculos teórico-metodológico que nos possibilita tencionar e problematizar os discursos produzidos.

Entendendo que “Foucault não delimita um método para fazer análise do discurso” (MAGALHÃES; RIBEIRO, 2015, p. 465). Nesse sentido, assumimos inspirações teórico-metodológicas de modo a dar visibilidade e problematizar os ditos, presentes nas narrativas das/o entrevistadas/o, buscando assim realizar um “trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento” (FOUCAULT, 2012, p.15). Ao tecer as análises buscaremos “olhar com desconfiança para enunciações que nos são dadas como tranquilas e certas” (HENNING; GARRÉ; VIEIRA, 2017 p.130). Ao fazer isso, procuraremos tornar visíveis os discursos que parecem tão cristalinos que não tensionamos suas verdades. Intentaremos isso mobilizadas pelo seguinte questionamento: “Quais enunciações ou ditos vêm sendo produzidos com relação à representatividade das mulheres na ciência?”



Segundo Foucault, o discurso caracteriza-se como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva. Tal enunciado é caracterizado por uma função que cruza estruturas e unidades do discurso e que faz com que emergjam as discussões concretas. Nesse sentido, é necessário descrever suas condições de possibilidade, suas regras e o campo ao qual está associado (FOUCAULT, 2019). Em função de serem os enunciados produzidos com base nas enunciações, o que é dito, nas narrativas das/o entrevistadas/o, está relacionado a um contexto político, social e histórico, que os sujeitos do estudo vêm (re)produzindo. Assim, com base nas enunciações, foi possível problematizar o enunciado que sustenta e apoia cada formação discursiva, ensinando modos de ser meninas e mulheres na ciência.

Dessa forma, temos o objetivo de investigar, nas narrativas de algumas/algum coordenadoras/coordenador das instituições de nível superior contemplados pela chamada 18/2013, “Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação”, os discursos sobre representatividade na ciência. Na próxima parte do estudo, direcionaremos nosso olhar para essas narrativas em si, tentando captar o que elas produzem e considerando o contexto social, político e econômico que estamos vivenciando no Brasil de hoje.

## **Análise**

Neste sub tópico, buscaremos tecer discussões e colocar em visibilidade alguns ditos presentes nas narrativas, de modo se dar a visibilidade do enunciado: “É preciso de representatividade de mulheres cientistas”, para a promoção da equidade de gênero. Através destes somos capturados e vamos de certa forma participando em prol de uma campanha da equidade e diversidade de gênero na ciência, por meio da busca da representatividade de mulheres na ciência, principalmente naquelas áreas tradicionalmente masculinas, como as ciências exatas, engenharias e computação, conforme podemos observar na fala de uma das entrevistadas.

*Entrevistada 1. Então eu percebi uma coisa, as meninas elas precisam de modelos, olha área de tecnologia é coberta de meninos, quando elas chegam lá tem a grande maioria de homens, poucas meninas, aqui no departamento tem 50 professores, e 2 professoras, 4, no nosso caso nós somos 4 professoras. No caso, mais de 40 professores homens, então porque que será que a área de tecnologia a gente vai em um canto, vai em outro e só vê homem.*



De acordo com Bruna Caetano e Carlos Rocha (2020), a falta de representatividade, no meio acadêmico e científico, do protagonismo de mulheres e seus marcadores, é um dos fatores que explica a exclusão das mulheres, principalmente nas áreas de ciências exatas. Podemos afirmar que é um grandioso fator, que auxilia a causar essa exclusão. Tal discussão está ligada aos estereótipos de cientista. Quem são as/os cientistas que aparecem nos desenhos animados, filmes, quadrinhos? Quais seus marcadores classe, geracionais, de gênero e raça-etnia? Onde estão as mulheres cientistas negras, as mulheres cientistas trans? Apenas recentemente, nos últimos séculos, temos observado as mulheres sendo protagonistas como cientistas em desenhos, séries, filmes, cartilhas, entre outros artefatos culturais, os quais têm, como proposta, visibilizar histórias de mulheres cientistas.

Estudos a respeito de mulheres negras na ciência são ainda mais recentes que acerca das mulheres branca, mas, para Kathemari Rosa (2018), a participação e a inserção das mulheres negras vêm aumentando recentemente no campo dos estudos de gênero e da física a partir dessa nova geração. Assim, as estudantes de graduação e de pós-graduação estão se reconhecendo nesse processo de racialização, um processo que, a alguns anos atrás, também não era tão evidente. Entendemos que isso se deve também ao fato de a física, enquanto ciência, encobrir essas questões de racialização, colocando o conhecimento científico como isento de valores, como se fosse descolado das pessoas que os fazem e dos contextos político e cultural em que estamos imersos (Ibidem). Esses discursos de neutralidade, racionalidade e lógica encobrem as discussões de sexismo, racismo e machismo. Percebemos esse amadurecimento na ampliação das discussões de gênero, bem como de seus marcadores, no relato da entrevistada 2, no excerto destacado a seguir:

*Entrevistada 2: “A gente vive um paralelo lá do início, do projeto lá em 2013, a proposta era assim... Ações de promoção, pouco do que já tinha da produção nacional e internacional falava muito de ter a representatividade [...] O primeiro ano a gente começou entrevistando, foi meio a meio, entrevistando mulheres na universidade, pesquisadoras já sênior e mulheres do mundo corporativo [...] No segundo ano a gente fez com as meninas da pós graduação, aí tu já vai vendo uma mudança geracional. Aí depois foi com meninas do Ensino Médio dos cursos de mecatrônica, entre outros. Mas assim era chocante você ver, nunca tive nada, nunca tive nenhum problema. Carreguei filho, tive que cuidar do filho, da casa, cuidar da carreira e não teve apoio... Vamos para o 6º ano do lugar de mulher.”*

A partir da narrativa, notamos que a coordenadora percebe uma diferença geracional entre as alunas de graduação e as cientistas pesquisadoras no que se refere aos discursos e também quanto aos diferentes marcadores sociais de classe, raça-etnia e identidade que representam essas mulheres. Em se tratando das alunas de graduação, por exemplo, a diversidade de sujeitas/os era maior. De acordo com Juliana Lapa Rizza (2015, p.98), a diversidade é entendida por meio de “processos de



diferenciação, sendo assim uma pedagogia da identidade e da diferença deve ir além da tolerância e da boa vontade com a diferença”. Em decorrência disso, torna-se necessária a promoção de atividades que busquem “promover rupturas, desnaturalizar e problematizar as relações de poder, sobre as quais a identidade e a diferença são produzidas” (Ibidem). Assim, é preciso compreender as particularidades de cada sujeita/o na ciência e tornar o ambiente científico acessível a todas/os.

Além disso, constatamos, por intermédio das narrativas das/o entrevistadas/o, que, muitas vezes, elas/ele consideram mais importante a representatividade de mulheres na ciência que as discussões teóricas sobre a promoção da equidade de gênero na ciência, pois, às vezes, não se sentem habilitadas/o para tecer tais discussões. Essa realidade pode ser percebida na narrativa da entrevistada 3:

***Entrevistada 3:** “Então a gente assim não se sente habilitada para discutir questões de gênero, eu não tenho essa formação. Então mais do que eu discutir com as meninas questões de gênero é o fato de eu estar lá e as meninas saberem que eu sou professora da Universidade, é importante, mostra essa questão que se eu posso, elas também podem estar aqui.”*

É perceptível, ainda, através dessa narrativa, pela fala da entrevistada, que ela nota, nas alunas de ensino médio participantes dos projetos, essa importância da representatividade para se inspirarem a seguir em áreas das ciências exatas, engenharias e computação, a fim de, posteriormente, poderem atuar nas áreas científicas. A entrevistada também consegue perceber, nessas discussões, a importância das questões de gênero em sua atuação. Inclusive, ela relata que gostaria de poder fazer trabalhos nessa área de estudo e ser avaliada, uma vez que observa que essa discussão faz parte também da computação. De acordo com a entrevistada, hoje em dia, na computação, ela só é avaliada se publicar nas áreas tradicionais, segundo podemos constatar na narrativa a seguir da entrevistada 4:

***Entrevistada 4:** “Embora eu não esteja explicitamente em um programa de pós eu continuo fazendo pesquisa, pesquisa nesse sentido de mulheres na computação, pesquisa na interação humano computador, e eu percebo esse apoio da instituição, o meu departamento me permite isso. Estar nesse tipo de ação. Por outro lado é um ambiente de múltiplas ideias, então algumas pessoas, com o eu comentei antes, me questionam se isso é computação, se isso é relevante e faz parte do nosso trabalho de mostrar que sim, que isso é computação, que a computação hoje tem um perfil diferente e eu acho que é um perfil multifacetado”*

Transitar por essa narrativa nos possibilita refletir acerca da importância das discussões de gênero estarem presentes nos currículos, independente do nível de escolaridade, seja ensino fundamental, médio, graduação ou pós-graduação, a fim de levar esse debate para os diferentes espaços. Ao olhar para as políticas públicas, Rizza (2015) relata que, a partir da análise de políticas



educacionais, é possível observar que a sexualidade, bem como as demais discussões de “gênero e a diversidade têm atravessado o ensino superior de discussões como as questões de gênero, a diversidade em sua multiplicidade de abordagens - sexual, racial, étnica, geracional, religiosa, entre outras” (RIZZA, 2015, p.111). Entretanto, em muitas áreas da ciência, ainda, tais discussões não são vistas como científicas.

## Considerações

Por meio dessas narrativas, constatamos ser muito evidente a discussão que precisamos de representatividade de gênero, bem como seus marcadores na/para a ciência. Com esse estudo não buscamos respostas de como a representatividade pode contribuir para meninas a ingressarem nas áreas de ciências exatas, engenharias e computação, mas sim nos propomos a discutir de que maneira a representatividade vem sendo narrada, produzida e enunciada na atualidade. Dessa forma, buscamos tecer problematizações sobre essas verdades que estão sendo produzidas e veiculadas a programas de incentivo para estimular meninas nas áreas de ciências exatas, engenharias e computação, a partir da análise das narrativas de algumas/alguns coordenadoras/es das Instituições de Nível Superior contemplados pela chamada 18/2013 Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação com relação aos discursos sobre representatividade na ciência.

## Referências

BUTLER. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

CASEIRA, Fabiani; MAGALHÃES, Joanalira. **O mundo precisa de Ciência, a Ciência precisa de Mulheres**: investigando a premiação para mulheres na ciência. 2016. 125 f. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michel. **Pesquisa Narrativa**: experiências e histórias em pesquisa qualitativa. 2ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.250p.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, 1989. pp. 139-167. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>. Acesso 30 dez. 2020.



FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e histórias dos sistemas de pensamento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 8ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019. 254 p.

HENNING, Paula; GARRÉ, Barbara; VIEIRA, Virginia. O discurso da educação ambiental em artefatos culturais da atualidade. **Interacções**, [online], n.44, p. 123-143, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge; et al. Narrativa, identidade y desidentificación. In: LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes S. A. Ediciones, 1996.

LARROSA, Jorge; et al. **Dejame que te cuente** – ensayos sobre narrativa e educación. Barcelona: Laertes S. A. Ediciones, 1995.

LIMA, Betina; BRAGA, Maria; TAVARES, Isabel. **Participação das mulheres na ciência e tecnologia: entre espaços e lacunas**. 2015. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/743>. Acesso em 29 dez. 2020

MAGALHÃES, Joanalira; RIBEIRO, Paula. Para além de um corpo transparente: investigando métodos e estratégias de esquadrihar o sujeito homossexual. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, [online], vol.22, n.2, pp.461-482, 2015,

O GLOBO. **Mulheres cientistas devem servir de modelo para estudantes desde o ensino fundamental**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/mulheres-cientistas-devem-servir-de-modelo-para-estudantes-desde-ensino-fundamental-23869345>. Acesso em 30 dez. 2020.

PINHEIRO, Barbara. As mulheres negras e a ciência no brasil: “e eu, não sou uma cientista?”. **RevistaCom Ciência**: revista eletrônica de jornalismo científico, 2019. Disponível em: <http://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista/>. Acesso em 22 dez. 2020.

PINHEIRO, Barbara; KATEMARI, Rosa. **Descolonizando Saberes: A Lei 10.639/2003 no Ensino de Ciências**. São Paulo: livraria da física. 2018. 178p.

RIZZA, Juliana L. **A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras**. 2015. 217f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2015.

SCHIEBINGER, Londa **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001

SILVA, Fabiane. **Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias**. Rio Grande: FURG/PPGEC, 2012. 148 f. Tese (doutorado) – Instituto de Educação. Universidade Federal do Rio



Grande, Rio Grande, 2012. Disponível em:  
<http://www.ppgeducacaociencias.furg.br/images/stories/2.2012/teses/fabiane.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

VARGAS, Regina. **Sobre Produção de Mulheres Negras nas Ciências: Uma Proposta para a Implementação da Lei 10.639/03 no Ensino de Química**. 2018. 92f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás: Programa de Pós-Graduação em Química. Goiânia, 2018

### **Debates on Gender and Science in exact, engineering and computing: problematizing some narratives**

**Abstract:** The aim of this paper is to investigate the narratives of some coordinators contemplated by Public edictal “Girls and young people in Exact Sciences, Engineering and Computing - 18/2013”, from Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brazilian, in order to analyze their perceptions about the discussions of gender and science in your area of acting. This work is based on post-structuralist feminist and gender studies. For data production we conducted interviews with seven coordinators. For analysis we used inspirations in problematization, under the Foucaultian bias. From the narratives we realize that discussions about gender and science take place in different ways in the areas in which the interviewees are inserted. In the area of computing, the Brazilian Computer Society has acted and promoted the debate on the theme through symposiums, lectures and round tables. In the Exact Sciences area, the report the Brazilian researcher Márcia Barbosa, as promoter of these discussions. In the area of engineering, few debates are noticed. Analyzing these narratives allowed us to understand how this discussion of gender and science has crossed these different areas, as well as the importance of the higher organs and scientific entities to promote these debates in the search for expansion and visibility of these themes in order to outline plans, actions and public policies to promote gender equity in the field of science.

#### **Keywords:**

Gender equity; Science; Public policy; Gender; Representativeness.